

Um Partido para transformar São Paulo!

Primavera

É Primavera agora, meu Amor!
O campo despe a veste de estamena;
Não há árvore nenhuma que não tenha
O coração aberto, todo em flor!
Ah! Deixa-te vogar, calmo, ao sabor
Da vida... não há bem que nos não venha
Dum mal que o nosso orgulho em vão desdenha!
Não há bem que não possa ser melhor!
Também despi meu triste burel pardo,
E agora cheiro a rosmaninho e a nardo
E ando agora tonta, à tua espera...
Pus rosas cor-de-rosa em meus cabelos...
Parecem um rosal! Vem desprendê-los!
Meu Amor, meu Amor, é Primavera!...

Florbela Espanca

POR UM PSOL POPULAR EM SÃO PAULO

São Paulo, uma das grandes metrópoles mundiais, é uma cidade de contradições, marcada pela desigualdade social e pelo caos urbano. Possui uma das maiores frotas de helicópteros do mundo e um sistema de transporte caótico e insuficiente; uma enorme diversidade cultural, com uma gama de espetáculos, exposições, manifestações artísticas de todas as áreas, porém alija sua população periférica destes produtos e a prefeitura, que deveria empreender ações para a inclusão da população nesse caldo cultural, se omite; uma rede de escolas privadas de excelência internacional, enquanto bravas e bravos professoras e professores da rede pública se exaurem buscando dar às crianças do povo, alijadas desse regabofe das elites, uma educação adequada e de qualidade; grandes hospitais privados, utilizados por uma ínfima parcela da sociedade, que pagam uma fortuna por um atendimento de excelência, convivem com as enormes filas nos postos de saúde nos arrabaldes. Uma cidade que serve plenamente apenas a uma minoria ao mesmo tempo que reserva muito pouco para a maioria de sua população, uma cidade onde a democracia e os direitos básicos passam ao largo das zonas periféricas.

Metrópole de um capitalismo brutal e dependente, sede das maiores empresas do país e dos grandes bancos, cidade mais rica da nação, porém profundamente marcada por uma imensa contradição social: uma "metrópole periférica com enclaves globalizados", diz a urbanista Mariana Fix. O processo de "urbanização da pobreza" combinado com uma industrialização sustentada na mão-de-obra de baixos salários, processo que durou até os anos 2000, criou algumas "ilhas de riqueza" para a elite. No entanto, o que já era uma tragédia recrudescceu, pois São Paulo se converteu na ponta violenta da precarização do trabalho no país, haja vista o enorme crescimento daqueles que os conservadores chamam de 'empreendedores', que nada mais são que trabalhadoras e trabalhadores disputando um ínfimo espaço de sobrevivência, nos aplicativos de entrega, de transporte etc.

Desde 2008, o acirramento dos conflitos sociais revela a profunda reestruturação das relações de produção provocada pelos avanços tecnológicos e à emergência da China como potência global e rival dos EUA. A posição chinesa como principal plataforma industrial do mundo e o deslocamento de parte das indústrias do ocidente para a Ásia, além da crescente robotização da produção, extinguíram empregos industriais cuja remuneração média era maior que em outros setores da economia, rebaixando o poder de compra de trabalhadores e

trabalhadoras. Isso ocorre em larga escala na Europa, EUA e em polos industriais da América Latina. Para gerações de trabalhadoras e trabalhadores que pensavam ter saberes e profissões garantidas para toda a vida, o futuro é um poço de insegurança. Ainda incipientes, novos instrumentos da produção material escapam à lógica industrial e geram resultados, ao mesmo tempo promissores e devastadores.

A expansão tecnológica prevista para os próximos anos inclui um crescimento exponencial da capacidade de armazenar e processar gigantescas bases de dados. Para além de alimentar a indústria mais lucrativa da atualidade, tais tecnologias oferecem possibilidades para melhorar a vida pública e privada, ao mesmo tempo que implicam riscos substanciais. A nova ordem levanta desafios éticos sobre os quais avançamos a passos lentos, enquanto seus potenciais mercadológicos são explorados a toque de caixa. Se não se reverte este processo, as corporações moldarão de forma ainda mais profunda as vidas de trabalhadores e trabalhadoras.

Os desdobramentos dessa crise econômica sugerem que estamos ainda longe de sua superação e, desde 2008, assistimos a um célere processo de desmonte das redes de proteção social. Às novas gerações que ingressam no mercado de trabalho vedam-se o acesso a direitos já conquistados e rebaixam suas perspectivas de vida, em relação à que a antecedeu. A hipótese de uma futura recuperação econômica que se reverta em empregos é improvável, pois parcela considerável destes deve ser substituída pela automação e por mecanismos de inteligência artificial.

O impacto da reestruturação produtiva se estende aos serviços. A automação permite eliminar milhões de empregos através da terceirização do trabalho aos usuários, de forma não remunerada; movimentações bancárias em aplicativos de celular eliminam milhares de empregos e transferem para os correntistas o trabalho mais simplificado; o ensino à distância reduz a demanda por professores; plataformas online de vendas eliminam gradualmente o comércio de rua e os serviços médicos se automatizam, disponibilizados em aplicativos.

O aniquilamento do trabalho formal e o conseqüente aumento da informalidade produzem conseqüências políticas. Os aparatos construídos pela esquerda a partir da Revolução Industrial, em particular os sindicatos, perdem capacidade de diálogo e representação política. A “flexibilização” das relações de trabalho, o enfraquecimento das organizações sindicais e as novas tecnologias digitais geram formas descentralizadas de ação coletiva. Como demonstrou a greve dos caminhoneiros de 2018, novas formas de organização são marcadas pela horizontalidade e pelas ambigüidades, desafiando assim as hierarquias da luta política tradicional. Enquanto na sociedade industrial operários se concentravam nas fábricas, numa lógica que favorecia a solidariedade, a sociedade digital produz o isolamento de trabalhadores e uma força de trabalho marcada pela heterogeneidade. No entanto, a pertença aos grupos sociais segue presente. No vácuo dos aparatos organizados pela lógica de classe, crescem as vertentes evangélicas conservadoras (e sublinhamos “conservadoras”, porque nem todas são assim) e o nacionalismo de direita, mas também os movimentos feministas, de negras e negros, dos povos indígenas e da população LGBTQ+.

Está em disputa a apropriação profundamente desigual dos enormes ganhos de produtividade potencializados pelas novas tecnologias, que concentra renda no topo e depaupera setores médios e baixos da sociedade. Neste cenário de radicalização do conflito, a ascensão de uma extrema-direita neofascista é um fato e a constituição de uma esquerda capaz de disputar o precariado como alternativa de poder é uma possibilidade.

PREFEITURA INERTE

O atual prefeito, imerso nas relações fisiológicas com o legislativo municipal e com os grupos empresariais que controlam a cidade (o que é prática recorrente nos governos tucanos), tenta carimbar uma imagem de modernizador e imprimir a condição de “cidade global” sem enfrentar os problemas estruturais da cidade. Na condução real o que sobressai é o prefeito pouco afeito ao diálogo, que governa para os interesses do andar de cima da sociedade. A fratura social se agrava, com a degradação das condições de vida da maioria da população.

A aprovação do Plano Diretor Estratégico, há alguns anos, cristalizou a segregação social na cidade, com a entrega de parte da cidade aos barões da especulação imobiliária e consolidação das ocupações em regiões carentes de infraestrutura e serviços públicos. A política de adensamento junto aos eixos de mobilidade pela via dos grandes empreendimentos abriu um novo filão para a especulação imobiliária.

Ademais, generosas isenções fiscais foram concedidas a grupos empresariais, da construção civil à saúde e aos transportes, a despeito da eterna cantilena da falta de recursos para executar as políticas públicas.

Os usuários do serviço de saúde em São Paulo padecem em longas filas, com esperas que podem demorar meses, pois faltam profissionais e equipamentos. A privatização de serviços, através das organizações sociais da saúde, continua a expandir-se em São Paulo, incluindo até os Centros de Atenção Psicossocial. O déficit de vagas em creches segue com milhares de crianças na fila de espera, o que penaliza em especial as mães da classe trabalhadora.

À manutenção da lei salarial de décadas, com espasmos em uma ou outra gestão municipal, impõe duras perdas aos servidores públicos da cidade, somaram-se reestruturações de carreiras que impõem prejuízos previdenciários e possibilidades de perdas salariais ainda maiores.

Nós do PSOL defendemos um modelo de cidade no qual o bem-estar do conjunto da população esteja acima da sede por lucro dos grandes grupos empresariais. Não é possível haver mudança de fato sem enfrentamentos de fundo com os setores que dão as cartas na vida da cidade.

DUAS DÉCADAS DE TUCANATO IMPACTAM EM SP

O aprofundamento das políticas neoliberais tucanas hoje coloca São Paulo e a região metropolitana diante da ameaça real de uma catástrofe pela falta de água e energia. A expansão do metrô, estratégica para a constituição de um sistema de transporte público de massas eficiente, arrasta-se ano após ano, ao sabor dos interesses privados e dos esquemas de corrupção.

Na periferia de São Paulo a população, em especial jovens negros e negras, são as principais vítimas de uma política de segurança construída apenas na perspectiva do uso da violência, da repressão e da defesa dos interesses e propriedades das elites. O tucanato sucateou a educação, expandiu presídios por todo o interior do Estado e priorizou o aparelhamento e o treinamento da corporação para combater a população, para reprimir os movimentos sociais e exterminar aqueles que deveria proteger.

CONJUNTURA POLÍTICA

As vozes conservadoras têm avançado na cidade, nas ondas das rádios reacionárias e nos gritos contra a “ideologia de gênero”, na agressão as travestis e imigrantes haitianos e no rapa contra os usuários de crack. As forças populares também procuram se reposicionar nessa conjuntura, com o aumento das ocupações urbanas, a ampliação dos movimentos locais pela cidade, e o protagonismo do MTST.

O avanço da especulação imobiliária e o desmonte do parque industrial paulistano, vão condenando a cidade a uma sorte de 'cada um por si', política aliás, em perfeita consonância com o que Bolsonaro e Guedes aplicam no governo federal, desmontando a já pequena rede de proteção da classe trabalhadora, e aumentando a já enorme desigualdade nessa cidade de contrastes tão evidentes.

Poucas vezes na nossa história a prefeitura de São Paulo foi tão abandonada como nessa última gestão. Primeiro com o início da gestão destruidora de direitos de Dória que, ainda por cima, abandonou o cargo dois anos antes para tornar-se governador, deixando seu vice Bruno Covas como prefeito que, guardadas pequenas diferenças, seguiu aplicando uma política de privilégios ao andar de cima e de descaso com as zonas periféricas. A doença do atual prefeito recrudescer os problemas, fazendo com que a população se sinta desamparada, entregue às suas próprias forças, abandonada pelo poder público.

O PSOL tem a obrigação de assumir o protagonismo nas lutas da população, aparecendo crescentemente como alternativa eleitoral e assumindo papel relevante nas manifestações. Em parceria com o MTST, principal ator político do momento na metrópole, nossa linha política, de construção de uma ampla alternativa de mobilização, contra a direita e por mais direitos, vem-se mostrando acertada.

TÁTICA ELEITORAL

Há um desgaste geral com a política e um avanço sem precedentes do conservadorismo em sua face mais cruel. O desgaste do PT criou um novo espaço político para o PSOL. O surgimento de novas e novos protagonistas da cidade, negras, negros, mulheres, ativistas LGBTs e do meio-ambiente, entraram de vez na cidade e a estabeleceram como palco de sua luta "urbana". O PSOL precisa se construir como alternativa para esses lutadores sociais. O partido teve um bom desempenho nas últimas eleições estaduais e nacionais, conseguindo ampliar as bancadas estadual e federal, graças a um esforço conjunto do partido.

No entanto, as eleições municipais de outubro/2020 acontecem em uma conjuntura muito difícil para a classe trabalhadora brasileira. A vitória nas urnas de um presidente neofascista, que governa com base no ódio e na intolerância; que destrói direitos conquistados com muita luta e muito suor; que vilipendia a frágil democracia brasileira; que está a serviço de interesses da elite brasileira e estrangeira, principalmente dos EUA; ora, a vitória de Bolsonaro nas eleições de 2018 abriu um enfrentamento com a agenda da esquerda que vai além dos direitos sociais. As próprias liberdades democráticas conquistadas a partir de 1988 estão em risco, assim como os avanços obtidos nos direitos individuais. Cresce o punitivismo, o machismo, a misoginia, o racismo e a LGBTfobia. A luta contra a extrema-direita se dá em todas as frentes e deve ser travada em todas as agendas.

Ao lado da luta concreta de organização independente da classe trabalhadora, as eleições cumprem um papel importante na construção da resistência aos ataques aos direitos e à democracia, para elevar a compreensão do povo sobre a situação do Brasil e sobre a situação das cidades e para a reflexão sobre as saídas para essa situação de dificuldade.

Assim, estas eleições municipais impõem vários desafios ao PSOL. De um lado, trata-se de um momento privilegiado para travar a disputa de ideias na sociedade, unificar e dar voz e bandeira as e aos que se opõem à ofensiva conservadora. Para isso, deve ser critério para o PSOL nesta campanha, não deixar bandeiras pelo caminho – o que não significa, porém, apostar em campanhas que abram mão da necessária pedagogia para o convencimento. Falar para fora da bolha, dialogar com diferentes, com as e os que não conhecem ou não entendem nossos valores,

unificando as demandas materiais mais imediatas como a defesa de direitos civis, esta deve ser a nossa meta.

Devemos lutar para eleger vereadoras e vereadores no maior número de cidades, para ter voz na política cotidiana dos municípios, assim como disputar para vencer em cidades de grande porte e capitais – como é possível no Rio de Janeiro, Belém e Florianópolis – buscando constituir frentes com os partidos que se opõem a Bolsonaro, Dória e Covas e suas agendas neoliberais.

A tarefa de contenção do avanço da agenda neoliberal passa por derrotar (com candidatos próprios ou em aliança com os partidos da frente de oposição) os candidatos da direita e da extrema-direita no maior número possível de municípios e aqui em São Paulo. Em grande medida, é da correlação de forças destas eleições que depende a pujança das oposições para derrotar Bolsonaro e a agenda de Paulo Guedes em 2022.

Com relação às Câmaras Municipais, devemos fazer todo o esforço para manter o que já temos e para ampliarmos o maior número de cadeiras possível. Na capital paulista, com certeza, temos todas as condições para, no mínimo, dobrar o número de cadeiras.

É fundamental que as chapas de pré-candidatas/os tenham representação bastante diversificada para conseguirmos eleger mulheres, negras e negros, LGBTQIA+, indígenas, jovens, entre outras/os.

MULHERES

Defendemos um feminismo que expresse nosso compromisso com a construção de um socialismo entrelaçado no combate a todas as formas de opressão e uma prática política coletiva que se proponha plural e democrática, que reconheça as múltiplas identidades das mulheres; que rechace conceitos colonizados e estereotipados do que é ser mulher; que tenha cara e cor; que atinja as diversas classes sociais; que incorpore as demandas das mulheres indígenas, negras, do campo, da floresta, sindicalistas, da classe trabalhadora, trans, bissexuais, lésbicas, com deficiência, religiosas, ribeirinhas, quilombolas, em situação de rua, das profissionais do sexo e que seja inserido nos movimentos sociais.

Comprometemo-nos a construir uma atuação política pela base, que priorize a luta de todas as mulheres: cisgêneras, lésbicas, bissexuais e transsexuais, como também pessoas não binárias, assexuadas e homens trans; as mulheres negras, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, pequenas agricultoras e protetoras dos saberes e tradições ancestrais das florestas; mulheres lutadoras pela justiça sexual e reprodutiva; feministas ecumênicas e protestantes, lutadoras pela legalização do aborto e a garantia dos aparelhos públicos para o aborto legal garantido por lei; das mulheres trabalhadoras do sexo organizadas em seus sindicatos de luta e das mulheres com deficiência.

Vemos o cenário político das eleições municipais refletindo a ausência das mulheres nos espaços de poder nas cidades, com baixos índices de representatividade nas câmaras municipais e prefeituras. Apesar disso, nosso partido foi capaz de apresentar candidaturas de mulheres das classes populares, negras, indígenas, mulheres LGBTQIA+, comprometidas com o feminismo socialista e a transformação social. É fundamental dar continuidade ao processo de ocupação feminista, negra e de esquerda nas eleições municipais de 2020, que já nos levou a uma Bancada Federal paritária no PSOL em 2018.

Nas eleições municipais as nossas candidaturas devem seguir expressando a diversidade das mulheres historicamente silenciadas. A luta pelos direitos e vida das mulheres não é uma

pauta que deve estar restrita às candidaturas femininas, mas incorporada ao programa do partido para que o conjunto das nossas candidaturas seja capaz de dar resposta a uma política que ainda é masculina, branca e heteronormativa.

Frente a complexidade da conjuntura, a Setorial de Mulheres tem como tarefa exercer a máxima aplicação do princípio feminista de apoio e solidariedade entre as mulheres. Unirmo-nos à luta contra o machismo e o capitalismo, que nos incute uma lógica beligerante de disputas internas típicas do patriarcado. Assim, é preciso que esse seja o espaço que acolha o conjunto das mulheres do partido de forma articulada com as setoriais estaduais. É tarefa também desta Setorial formular uma política feminista para o conjunto do partido, a partir de formações, campanhas publicitárias, campanhas de filiações de mulheres. Atuar como interlocutora junto às bancadas estadual e federal no aprofundamento das pautas feministas. E, a mais complexa das tarefas, contribuir no cenário das lutas gerais, tendo como eixo central o combate à violência em todas as suas formas

NEGRAS E NEGROS

Para nós é essencial que o programa político e a ação cotidiana do PSOL São Paulo reflitam a luta antirracista e a compreensão de que o racismo é estrutural e que, portanto, forjou a sociedade de classes e o próprio capitalismo brasileiro, colocando à margem desse processo milhares de homens e mulheres negras. As transformações que pretendemos precisam estar alinhadas a uma perspectiva de reparação das desigualdades históricas impostas ao povo negro nos mais de 350 anos de escravidão e em 130 anos de exclusão, subalternidade e silenciamentos, do período pós-abolição.

São Paulo é um dos estados em que a estrutura racializada do poder mais produziu desigualdades. Em seus 180 anos de história, a ALESP teve apenas quatro mulheres negras deputadas e mesmo hoje, as duas mulheres negras que ocupam cadeiras no parlamento (duas delas do PSOL) são vítimas de violências e desqualificações. As instâncias internas do parlamento ainda reproduzem a lógica da política regional centrada nas reminiscências do coronelismo. Homens brancos, herdeiros do grande latifúndio ainda são maioria nesse espaço e reproduzem sobre corpos negros e femininos a lógica racista e patriarcal. Os atuais governantes de São Paulo são perpetradores do racismo estrutural brasileiro, o que fica bem evidente em seus discursos e em suas ações. Enquanto prefeito da cidade de São Paulo, João Dória extinguiu a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SMP-IR), submetendo-a à condição de coordenação, obviamente, com redução de recursos.

Quando pensamos na organização do espaço urbano também vemos refletidas as reminiscências desse passado nada augusto de escravização de negros e de genocídio indígena. Os territórios, em especial o da cidade de São Paulo - cidade mais rica do país - são reprodutores do racismo, institucionalizado em planos diretores, nas políticas de mobilidade, saúde, educação e moradia, para citar algumas. O que se reflete, por exemplo, na expectativa de vida de quem mora em Cidade Tiradentes (extremo leste da capital), que é de 57,3 anos - bem menor que a expectativa de 80,6 anos dos moradores de Moema, no aumento considerável da pobreza nas faixas periféricas mais negras e no crescimento da população em situação de rua nos centros das cidades.

Pensar num projeto radical de transformação da sociedade passa necessariamente pela superação do racismo que estrutura as relações políticas, econômicas e sociais em São Paulo e no Brasil. Para além da defesa intransigente das ações afirmativas, que têm por princípio equalizar as desigualdades de raça, é preciso descolonizar o pensamento para construir um projeto de Estado (econômico, social e cultural) que reflita a diversidade da nossa gente e vislumbre uma efetiva democracia racial.

Um projeto dessa magnitude, no entanto, não se constrói sem fissuras ou sem duros e necessários enfrentamentos, porque tal projeto não se efetiva sem que haja a ocupação de espaços e estruturas de poder político historicamente ocupados pela normatividade branca. A busca por uma sociedade verdadeiramente igualitária pressupõe a democratização desses espaços, tanto na sociedade quanto no partido.

As eleições 2020 são uma ótima oportunidade para disputarmos as bases dessa transformação radical que pretendemos construir. Nas palavras de Rosa Luxemburgo, uma sociedade em que sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres.

PCD

Após um ano da ascensão ao poder de um governo de extrema-direita, populista e neofascista, as pessoas com deficiência vivem sob alerta constante, são frequentes e intensos os ataques aos direitos sociais duramente conquistados ao longo de anos de luta, sempre com o falso pretexto de combate aos privilégios e do enxugamento da máquina pública. Bolsonaro praticamente desmontou o sistema de controle social (Decreto 9.759/19), acabando com quase 700 conselhos e só não acabou definitivamente com o CONADE (Conselho Nacional da Pessoa com Deficiência) por conta da mobilização do segmento

No estado de São Paulo o governo de Dória segue a linha da política nacional para o atendimento às pessoas com deficiência, o da privatização e sucateamento dos aparelhos públicos. As pessoas com deficiência empreendem uma luta incessante há décadas, e avançamos muito pouco, principalmente no que se refere a falta de acessibilidade no transporte público.

Nós do PSOL devemos nos contrapor a esta política nefasta de desmonte dos aparelhos públicos de atenção às pessoas com deficiência, tratando de apresentar propostas aos vereadores e às vereadoras do Partido eleitos em 2020, numa tentativa de minimizar as mazelas causadas em São Paulo por décadas de governos tucanos, no Estado e na Cidade.

NÚCLEOS

Os núcleos de base são os principais espaços de organização, sustentação e enraizamento social do partido. Nas grandes cidades são a principal porta de entrada dos novos filiados e nas cidades pequenas o espaço de atuação partidária.

O PSOL deve fomentar a criação destes núcleos e apoiar os já existentes, como um espaço fundamental de ampliação da democracia interna e da ação política territorial.

Os núcleos de base vêm contribuindo com formulações políticas, debates e espaços de formação e sua consolidação é parte importante para o projeto popular e socialista do partido.

LGBTQIA+

Há tempos o PSOL se destaca como o principal partido a representar as lutas e reivindicações do Movimento LGBTI brasileiro. Fato que pode ser observado pela proporção de LGBTIs nas nossas bancadas parlamentares (como Erika Malunguinho e Isa Penna, na ALESP, David Miranda e Talíria Petrone, na Câmara Federal), no crescente número de candidaturas LGBTIs a cada eleição (em 2018, por exemplo, o PSOL foi o partido que mais lançou pessoas trans para cargos eletivos em todo o Brasil) ou no número cada vez mais comum de quadros e figuras públicas LGBTIs que são formados dentro do nosso partido, que podem não ocupar cargos eletivos, mas são referência de luta dentro e fora do movimento e/ou ocupam cargos na direção partidária.

Internamente O PSOL SP possui uma Setorial LGBTI Estadual que se encontrava desativada e atualmente passa por um lento processo de reorganização e reconstrução desde a realização do III Encontro Estadual LGBTI do PSOL em março de 2019. Os desafios para que o nosso partido se mostre capaz de disputar os rumos do movimento no próximo período serão:

- A) O fortalecimento das relações entre a Setorial reativada e o Diretório Municipal;
- B) A articulação entre o Diretório Municipal, as direções regionais e a Setorial LGBTI para a criação de setoriais municipais/regionais, fortalecendo nossa atuação política de forma direta com a população LGBTI;
- C) Aprofundar as relações já existentes entre o PSOL e coletivos LGBTIs por toda a cidade;
- D) Organizar LGBTIs moradoras das periferias e de ocupações e para tal, é fundamental a construção de pontes mais largas e diretas com o MTST;
- E) Mapear, em conjunto com a Setorial, as candidaturas LGBTIs pela cidade nas eleições de 2020 e 2022;
- F) Repasse de 1% do Fundo Partidário para garantir o funcionamento e atuação da Setorial LGBTI Estadual (assim que as questões jurídicas envolvendo o Fundo forem resolvidas);
- G) Dar ênfase maior para a população trans (travestis, homens trans, mulheres trans, pessoas não-binárias etc.) em qualquer ação do PSOL que envolva a pauta LGBTI.

ECOSSOCIALISMO OU BARBARIE

Sem alarmismos ou exageros, é preciso dizer categoricamente: ecossocialismo ou (continuação da) barbárie! Isso porque o racismo ambiental, que relega à classe trabalhadora, pobre, negra e periférica as piores condições climáticas, atmosféricas, nutricionais e biológicas, vem aumentando vertiginosamente o contingente de suas vítimas e a gravidade dos seus ataques. As mudanças climáticas, a seca, a fome e as enfermidades sistêmicas tem recorte de classe, gênero e raça, e são só algumas das consequências imediatas da ‘guerra ambiental’ que se aprofunda ano após ano, tornando explícito que o acesso a um meio-ambiente equilibrado e a uma alimentação adequada é privilégio de poucos que, coincidentemente, acumulam uma série de outros privilégios e demonstram inequivocamente a existência de um cenário de profunda injustiça ambiental crescente.

Neste sentido, o governo da cidade de São Paulo caminha par e passo com essa agenda do racismo ambiental. Covas recrudescer a manutenção do sistema capitalista que exige a sistemática e profunda exploração da natureza e de suas diversas formas de vida, apropriando-se da força de trabalho humano e dos “recursos” naturais, que andam lado a lado, e são os dois pilares fundantes para a produção de mais-valia, desigualdade e acúmulo em nossa sociedade.

Por isso, é preciso atuar ao lado dos movimentos de luta pela terra e por reforma agrária; é preciso apostar em modelos produtivos que gerem emprego, renda e recursos, disputando mercados a partir do fomento aos empreendimentos agroecológicos, familiares e comunitários de produção agrícola e por último, é necessário efetivar a luta por representação política em todas as esferas do Estado brasileiro, colocando-o à serviço das lutas e causas sociais da maioria trabalhadora de nosso país.

Por isso acreditamos no PSOL como o único partido capaz de apresentar uma crítica completa e sistêmica ao modelo capitalista e denunciar os ataques e retrocessos atuais por meio da defesa do ecossocialismo.

ATUAÇÃO PARTIDÁRIA

A conjuntura política tem colocado grandes desafios ao partido desde 2016. A posição acertada contra o impeachment foi determinante para o crescimento do partido, junto com a participação dos atos contra o golpe e contra a agenda de contrarreformas neoliberais, além da resistência ao conservadorismo. Foi nas grandes mobilizações das ruas, como no #EleNão e no 15 de março, que participamos e ganhamos votos e filiações no corpo a corpo. As mobilizações mostraram como há uma camada importante que pode ser ganha para um projeto de esquerda, reafirmando o papel central do PSOL no processo de reorganização da esquerda brasileira.

A vitória de João Doria/Bruno Covas em São Paulo foi o resultado de uma tática oportunista de surfar em um sentimento antiesquerda.

Nas eleições de 2018 obtivemos vitórias na ampliação da bancada estadual, passando de dois para quatro parlamentares, ampliando a representação política da diversidade das lutas. Na bancada federal elegemos três parlamentares no Estado, contribuindo para a superação da cláusula de barreira do partido.

O avanço do partido tem colocado novos espaços de protagonismo da e para a militância. A criação de diversos setoriais demonstra o potencial de formação, elaboração e construção no interior do partido. A recente articulação pela construção dos setoriais de educação, de cultura, e o protagonismo dos setoriais ecossocialista, das pessoas com deficiência e de mulheres é fundamental.

O crescimento do partido, fruto dos acertos políticos do último período, coloca-nos grandes desafios, como a superação das dificuldades financeiras, que devem ocorrer por uma política de financiamento que contribuirá para a efetiva construção das instâncias municipais.

DIRETÓRIO MUNICIPAL

O Diretório Municipal esteve presente nas lutas da cidade, contra o aumento da tarifa nas manifestações da frente contra a direita e por mais direitos, nos atos, em panfletagens e debates.

Internamente precisamos avançar na organização, ter reuniões do Diretório com mais frequência, ter maior integração com os núcleos, ter atividades formativas e panfletagem em conjunto com a militância. Ter participação e atuação unitária, diminuindo as distâncias estabelecidas, buscar a união em torno dos objetivos comuns que é o crescimento do partido, a ampliação das lutas com os movimentos sociais, o fortalecimento dos setores do partido e a luta contra a direita reacionária.

Assinam:

Marcelo Aguirre

Helio Augusto
Márcio Funcia
Carlos Alberto de Moraes da Silva
Fernando Gameiro
Miguel Carvalho
Laura Cymbalista
Alia Halat
Sonia Arcanjo
Aderaldo dos Santos Jr.
Alberto Canuto
Santana Silva
Michele Vieira
Vivian Moreira
Lester Amaral Jr
Nilcelene Fatima Faustino
Antonio Ferreira dos Santos Neto
Marina Cardoso Incao
Almir Fellite
Anderson Alkmin
Josafá Rehem Nascimento Vieira
Luciete Silva
Vitor Lucena
Bruno Ribeiro
Bianca Rolin
Bruno Alexandre Ribeiro
Bruno Palmiori
Carlos de Avelar Portela
Neilton Ferreira Junior
Juliano Medeiros
Rafael Rosa
Bruno Cardoso
Tuane Daubaras
Carlos Cesar Buono
Maria Aparecida Freitas
Clarice Dias Silveira
Claudia Hernandes
Clodoaldo Corrô Rocha
Danielle Rocha
Denilce Cruz
Claudio Dongo
Antonio Ferreira dos Santos
Janaina de Paula
Jaime Cabral
João Carlos
Celso Bartkevucius
João Carlos
Gínez Garcia
Alia Hala

Bianca Artur
Andreia Soare
Fabio Santos
Deyse Cristiane Alves

Joca Oliveira

Carlos Donizete

José Maria da Silva

Nilson Jonas Faustino

Luiz Antônio Rodrigues

Maria de Lourdes Quintino

Nicolás Otávio Faustino de Oliveira

Joselicio Freitas dos Santos Junior

.Ivan Tamaki Monteiro de Castro

Tuane Dalbaras Moreno

Cláudia Regina Salles Hernandez Jabaquara

Diandra Bonani de Jesus Santana Cunha

Regina Maria Tavare

Renato Vital de Sá Leopoldo Monte Líbanp

Márcio Romeiro dos Santos

Valmir Sanches Junior

Vivian Moreira Miranda

Marina Cardoso Incao

Carlos Sartorelli

Pedrina Silva

Gilberto Zangerolimo Gonsales

Henrique Carvalho Lucas

Nizete Nascimento Albuquerque Gusmão

Mário Cardinale

Eleni Caires da Silva
Fabiana Simoni Lara Dias
Fernanda Novaes Fraga
Jaspe Lopes Bastos
Julio Costa da Silva
Leonardo Silva
Luiz Antônio de Souza
Luiz Fernando Lima
Milton Tafarello
Orionildo Albuquerque
Rafael Marques
Rogério Ramos
Tamares Alves da Silva
Thereza Portaro Ferreira
Airton Silva Massari
Márcia Robiano
Felipe Ubiratan Caetano de Souza
Ginez Garcia Santo André
Pedro Henrique Alves Martins
Roberto Tonobohn
Thiago Tavares dos Santos
Victor de Almeida e Silva
Karen Trujilho de Souza Carvalho
Lucas Boin
Rosa Regina de Oliveira Delgado
Marcelo da Silva Raineri

Miriam Graciele Barbosa Reis
Raphael Machado Brandão
Roberto A. Xavier Jr.
Andreia Oliveira de Souza Soares
Antônio Ferreira dos Santos Neto
Bianca Rolim de Arruda Rocha
Carlos de Avelar Portela
Clarice Dias Silveira
Clodoaldo Rocha de Oliveira
Cosme da Costa
Fernanda Fazoli
Francisco Lourenço
Isabel Campos de Arruda
Jaime Cabral Filho
Jander Silva
João Ribeiro
Lucas Jannoni Soares
Márcio Otavio Colussi Funcia
Márcio Rosa
Maria Aparecida Freitas Sales
Maria Aparecida Pinheiro dos Santos
Maria Helena de Carvalho
Mariana Feliciano Santos
Neilton de Sousa Ferreira Júnior
Vitor Medeiros de Lucena
Bruno Macena

Fabrcio Fernandes Batista

Juliana Borges

Carlos Eduardo Carvalho dos Santos

Ronaldo Rodrigues dos Santos

Eduardo Dias Bonachela

Jssica Moreira

Thiago Matelli Pais

Hlio Augusto de Franca Teixeira

Janaína Maria de Paula

Sergio Martins da Cunha